



IX Congresso Nacional de Educação - EDUCERE
III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia
26 a 29 de outubro de 2009 - PUCPR

O QUE DESEJAM OS INDISCIPLINADOS?

GARCIA, Joe – UTP
joe@sul.com.br

Eixo Temático: Violências na Escola
Agência Financiadora: Não contou com financiamento

Resumo

Este trabalho apresenta uma investigação teórica tendo por foco explorar os sentidos da indisciplina na escola. Tendo como elemento norteador a pergunta "o que desejam os indisciplinados?", aqui desenvolvemos uma análise dedicada a considerar respostas possíveis a este questionamento, com base em dados e análises fornecidos por um grupo de pesquisas sobre indisciplina escolar, que destacam a visão de alunos. Na primeira parte do texto, analisamos o conceito de indisciplina escolar e consideramos o papel de destaque das questões sobre indisciplina na literatura educacional, bem como no cotidiano escolar em diversos países, tendo por referência um estudo recentemente desenvolvido e publicado pela OECD. Em seguida, exploramos três pesquisas realizadas com alunos de Ensino Fundamental e Ensino Médio, que destacaram os sentidos da indisciplina a partir da perspectiva daqueles sujeitos. Para esta finalidade consideramos duas pesquisas realizadas no Brasil, e uma terceira desenvolvida em Portugal. Em todas as três investigações analisadas neste trabalho, foram realizados levantamentos envolvendo alunos de escolas públicas. Finalmente, na última seção do trabalho, apresentamos um conjunto de considerações finais, destacando três respostas a questão central endereçada neste trabalho, e que está sinalizada em seu título: o que desejam os indisciplinados? Os indisciplinados desejariam comunicar um estatuto de legitimidade de algumas expressões de indisciplina, tendo em vista os contextos e as circunstâncias a que são submetidos em sala de aula. Eles também estariam apontando a inadequação e inconsistência de algumas práticas pedagógicas exercidas pelos professores. Finalmente, os indisciplinados desejariam comunicar a disposição de resistir a práticas autoritárias e excludentes exercidas nas escolas.

Palavras-chave: Educação, Indisciplina Escolar, Alunos, Professores.

1 Introdução

Uma das características mais importantes da investigação científica reside na amplitude de interesses que deve nortear este empreendimento humano. No campo da

investigação educacional, e no caso deste trabalho, situado no contexto dos estudos sobre indisciplina escolar, também é necessário destacar a virtude da amplitude de interesses.

O interesse central neste trabalho reside em explorar uma possibilidade de pesquisa ainda pouco considerada no campo dos estudos sobre indisciplina. Aqui desenvolvemos uma leitura teórica sobre indisciplina escolar baseada na visão de alunos, tendo em vista responder a pergunta: o que desejam os indisciplinados? E, para responder a essa questão recorreremos a um conjunto de pesquisas sobre indisciplina escolar, que destacam a visão de alunos.

Neste texto, inicialmente refletimos sobre o conceito de indisciplina escolar, com base em alguns teóricos. Aqui também analisamos o papel de destaque que esta questão apresenta no cotidiano escolar, em um conjunto de países, incluindo o Brasil, com base em um levantamento recentemente desenvolvido pela OECD (2009).

A segunda parte deste trabalho destaca os sentidos da indisciplina com base em três pesquisas realizadas com alunos de Ensino Fundamental e Ensino Médio. Duas dessas pesquisas foram realizadas no Brasil, e a terceira em Portugal. Finalmente, na última seção deste texto, apresentamos um conjunto de considerações que buscam responder a questão central deste trabalho.

2 Notas sobre Indisciplina Escolar

Nas últimas décadas as questões de indisciplina vêm se destacando na literatura educacional, em diversos países, como um dos temas que mais inquietam os educadores (ESTRELA, 2002; FURLAN, 1998; GORDON, 1999). Em uma pesquisa recentemente realizada pela Organisation for Economic Co-operation and Development, OECD, que examinou o ambiente de ensino-aprendizagem em sala de aula, através de um levantamento amostral envolvendo 24 países, incluindo o Brasil, a indisciplina escolar se destacou como o principal fator que afeta o ambiente de ensino-aprendizagem (OECD, 2009).

O levantamento realizado pela OECD, denominado TALIS (Teaching and Learning International Survey), constitui a primeira iniciativa de pesquisa internacional, comparativa, que focaliza as condições de ensino e aprendizagem em sala de aula nas escolas. Segundo os dados apresentados por este levantamento, os problemas de indisciplina escolar atualmente exercem um papel de grande influência sobre as condições ou ambiente de ensino-aprendizagem em sala de aula.

Alguns dos dados mais interessantes apresentados pela TALIS apontam que uma expressiva quantidade de tempo seria utilizado pelos professores para lidar com questões de indisciplina em sala de aula. Os países onde mais tempo das aulas seria desperdiçado em função de problemas de disciplina seriam os seguinte: México (13,3%), Malásia (17,1%) e Brasil (17,8%) (OECD, 2009, p. 105).

Ainda segundo os dados levantados, um em cada quatro professores afirmam perder ao menos 30% do tempo que deveria ser dedicado as aula, devido a questões de indisciplina ou em função de tarefas administrativas (OECD, 2009, p. 88). No caso brasileiro, apenas cerca de 69,2% do tempo das aulas seriam efetivamente utilizadas para o processo de ensino-aprendizagem (p. 105).

Os eventos de indisciplina têm se destacado nas escolas por sua intensidade bem como devido a complexidade de suas expressões. As expressões de indisciplina têm se transformado, e este cenário dinâmico solicita diversos avanços nas pesquisas e teorizações. O foco no estudo da natureza e dinâmica das expressões de indisciplina, mais usual no passado, parece estar se deslocando para a investigação dos sentidos e implicações da indisciplina na escola. Entre tais novos interesses, aqui destacamos a importância de investigar o que desejam os indisciplinados.

Mas o que é *indisciplina*? Embora o modo como esta pergunta costuma ser formulada possa sugerir a idéia de que nos referimos a algo singular, a elaboração de uma resposta satisfatória não conseguiria satisfazer essa lógica. Uma outra perspectiva seria aberta caso a pergunta se referisse ao que poderiam significar as indisciplinas na escola.

A literatura educacional registra uma pluralidade considerável de sentidos atribuídos à noção de indisciplina, bem como diferentes apreciações em relação as suas causas. A esse propósito é interessante observar que a distinção quanto às causas dos problemas de indisciplina flutuam em relação aos sujeitos ouvidos. Os educadores, por exemplo, tendem a destacar a responsabilidade da família em relação aos problemas com os quais se defrontam na escola.

Uma perspectiva conceitual interessante está apresentada por Estrela (2002). Esta autora fornece uma noção indisciplina como algo situado no campo das relações pedagógicas na escola, que pode ser considerada uma transgressão de regras que determinam as condições necessárias para que ocorram as diversas aprendizagens coletivas necessárias em sala de aula. Tais *regras pedagógicas* estariam subordinadas as finalidades

do processo de ensino-aprendizagem e seriam relativas a um modelo de intervenção pedagógica. Nesse sentido, haveria uma relação entre a natureza da disciplina desejada em sala de aula e a perspectiva pedagógica que por suposto estaria orientando as concepções e práticas na escola.

Nesse sentido, disciplina e indisciplina seriam elementos relacionados ao campo da relação pedagógica, a qual estaria na base da transmissão do saber na escola (ESTRELA, 2002, p. 35). As indisciplinas, portanto, teriam implicações diretas sobre o desdobramento das relações pedagógicas bem como sobre a construção do conhecimento na escola. A perspectiva apresentada por Estrela (2002) fornece uma leitura conceitual na qual a noção de indisciplina pode ser associada a ações e processos de desorganização das relações pedagógicas na escola, ou, de um modo mais específico, a rupturas das regras que organizam o processo pedagógico e tornam possível as aprendizagens coletivas.

Neste artigo exploramos a noção de que a indisciplina é algo socialmente construído nas escolas e representa uma ruptura no contrato social da aprendizagem (GARCIA, 2005, p. 88). Aqui recorreremos também à perspectiva sugerida por Prairat (2004) de que as práticas disciplinares refletem entendimentos sobre o papel dos educadores e quanto ao próprio projeto educativo da escola. Este autor também relaciona o conceito de indisciplina a idéia de transgressão ou de pequenas desordens dos esquemas normativos da escola (p. 25).

Tendo em consideração a perspectiva conceitual anunciada acima, o desdobramento da análise central neste trabalho, vinculada a pergunta "o que desejam os indisciplinados?", deverá considerar o pressuposto de que as expressões de indisciplina articulam-se a uma conjuntura de condições pedagógicas. A análise da indisciplina, e portanto daquilo que desejam os indisciplinados, deve ter como referência as condições sociais da aprendizagem.

3 Os Sentidos da Indisciplina: a visão dos alunos

Nesta seção analisamos a visão de alunos sobre os motivos da indisciplina escolar, a partir de três investigações, duas delas desenvolvidas no Brasil, e uma em Portugal.

Iniciamos com a pesquisa desenvolvida por Cintia Freller, originalmente desenvolvida como tese de doutorado (FRELLER, 2000), e posteriormente publicada como livro (FRELLER, 2001). Essa pesquisadora entrevistou professores e alunos de Ensino Fundamental e de Ensino Médio. Aqui teremos por foco suas análises a partir dos dados obtidos junto aos alunos.

O levantamento junto aos alunos envolveu diversos recursos de pesquisa para a coletas de dados, tendo por finalidade a reflexão sobre indisciplina na escola, sob um perspectiva de liberdade de expressão. Dentre os dados obtidos pela pesquisadora, aqui destacamos os sentidos da indisciplina, tal como comunicado pelos alunos. É interessante destacar, a princípio, a distinção apresentada pelos alunos de dois tipos de indisciplina. De um lado haveria aquelas indisciplinas consideradas *inadequadas* e *incômodas*. Entretanto, os alunos também destacaram um segundo grupo de indisciplinas, consideradas *legítimas* e *pertinentes* (FRELLER, 2001, p. 59).

As indisciplinas consideradas *legítimas* referem-se a "atitudes consideradas como legítima defesa, como movimentação natural, como manifestação apropriada", bem como a "reações pertinentes contra determinadas situações invasivas e indignas" (p. 60). Um exemplo, neste caso, seria a recusa a uma tarefa quando não ficou claro ao aluno como aquela deveria ser realizada.

De um modo amplo, a pesquisa realizada aponta a indisciplina como uma "reação às práticas escolares inadequadas" (p. 66). Nesse sentido, as indisciplinas comunicam o desejo dos indisciplinados por práticas pedagógicas adequadas, o que compreende também melhores relações entre professores e alunos.

Os alunos entrevistados também afirmaram um conjunto de aspectos a serem atendidas pela escola, incluindo a "necessidade de ordem, de organização, de limpeza, de autoridade, de limite, de respeito e de participação" (p. 80). Em alguma medida, portanto, ao menos algumas indisciplinas estariam comunicando a ausência de um conjunto de aspectos necessários para a aprendizagem. Em complemento, com base na perspectiva dos alunos, os sentidos da indisciplina estariam associados ao contexto onde ocorre sua produção.

Uma outra investigação, cujos resultados desejamos analisar neste trabalho, foi desenvolvida por Golba (2008), com base em um levantamento realizado junto a alunos de 8ª. série do Ensino Fundamental. Em sua investigação, Golba (2008) observou, nos depoimentos daqueles alunos, uma perspectiva bastante análoga aquela observada por Freller (2001), em relação a distinção entre dois tipos de indisciplina.

No depoimento dos alunos entrevistados, Golba (2008) observou uma distinção entre os sentidos das indisciplinas produzidas dentro e fora da sala de aula, bem como duas classes de indisciplina: aquelas consideradas *legítimas* e outras consideradas *inadequadas*. As indisciplinas *legítimas* sinalizariam as fragilidades das práticas pedagógicas.

Expressando de outro modo, seria a fragilidade do trabalho desenvolvido pelos professores o fator que forneceria legitimidade as expressões de indisciplina.

Os alunos entrevistados por Golba (2008) estabelecem uma relação entre indisciplina e produção de desordem, como uma forma de sinalizar a fragilidade do trabalho dos professores. Além disso, a indisciplina seria uma forma de resistência ao que a escola oferece aos alunos, face suas expectativas em relação a oportunidades e orientações (GOLBA, 2008, p. 73).

Um outro aspecto a destacar refere-se a expectativa por ordem implicada nas expressões de indisciplina. Golba (2008) constatou a importância atribuída pelos alunos ao estabelecimento de "normas claras, consistentes e coerentes", dentro e fora da sala de aula, como algo necessário para se organizar o trabalho pedagógico e as demais atividades dentro da escola. Mas, deve-se mencionar que tal expectativa se conecta a noção de que seriam os professores os sujeitos de referência na construção de tais normas. Nesse sentido, a indisciplina poderia estar refletindo um desejo de que os professores assumam um certo papel de liderança pedagógica, e não somente usem sua autoridade no processo de construção da disciplina na escola.

Um outro sentido da indisciplina a considerar, com base na pesquisa desenvolvida por Golba (2008), reside na idéia de resistência à exclusão. Um aluno considerado indisciplinado iria experimentar exclusão, através de mecanismos que o tornam "marcado" aos olhos dos professores e dos próprios colegas. Para o aluno indisciplinado haveria um desafio maior que apenas modificar seus comportamentos considerados inadequados na escola. Ele também precisaria livrar-se de estigmas que o colocam em rota de exclusão. Assim, haveria também, nas expressões de indisciplina, a comunicação da resistência a um estigma bem como ao processo de exclusão.

Nos parece que o último sentido apontado no parágrafo anterior envolveria uma espécie de situação paradoxal, a qual tornaria mais difícil a leitura a ser efetuada pelos professores, em relação as expressões de indisciplina na escola. O paradoxo em questão resulta do aluno estar utilizando uma forma de expressão, para resistir a exclusão, que faria aumentar ainda mais as chances de ser excluído. Mas tal atitude, aqui apontada como paradoxal, talvez não seja assim percebida, sob a perspectiva dos alunos.

Finalmente, desejamos destacar uma pesquisa realizada em Portugal, por Silva e Neves (2004), com alunos do 6º. ano de escolaridade, na educação básica. Estes

pesquisadores sugerem que a indisciplina seria uma resposta a práticas pedagógicas que solicitam dos alunos um papel mais passivo, bem como um resposta a atitudes reguladoras dos professores.

De um lado, as expressões de indisciplina estaria comunicando uma insatisfação em relação a práticas pedagógica mais centradas nos professores. Em complemento, elas também seriam decorrentes de uma reação ou resistência a uma expectativa de algum modo expressa pelos professores quanto ao papel mais passivo a ser exercido pelos estudantes em sala de aula. Os indisciplinados seriam expostos a práticas onde a participação dos alunos seria mais restrita, e por isso também responderiam com indisciplina. Haveria, neste caso, uma espécie de curto-circuito, pois algumas expressões de indisciplina poderiam estar sinalizando uma resposta ao modo restritivo como alguns professores lidariam com os indisciplinados em sala de aula.

As formas de intervenção que exercem alguns professores poderiam produzir mais indisciplina. Assim, a tentativa de obter dos alunos determinada disciplina, através de critérios nem sempre claros e construídos de forma coletiva, estaria longe de resultar a disciplina desejada. De fato, as práticas disciplinares exercidas pelos professores poderiam suscitar formas de transgressão das condições que organizam as relações pedagógicas em sala de aula, e que dão sustentação ao processo de ensino-aprendizagem. A indisciplina neste caso solicita não somente prestar atenção as ações dos alunos em sala de aula, mas no próprio modelo de intervenção pedagógica utilizado pelos professores.

Mas a indisciplina também teria o sentido de questionar a natureza imperativa da relação professor-aluno. A indisciplina seria uma expressão do sentimento desfavorável dos alunos em relação a tais práticas, sob as quais devem assumir um papel mais passivo, sem possibilidade de intervenção. Nesse sentido, as práticas exercidas pelos professores legitimariam as expressões de indisciplina dos alunos. Além disso, os indisciplinados desejariam uma relação de maior proximidade aos professores, embora seria o distanciamento a medida mais usualmente empregada por estes.

No item a seguir, de considerações finais, articulamos algumas reflexões sobre os sentidos da indisciplina, com base nas análises desenvolvidas acima. De um modo sintético, desejamos responder a questão central deste trabalho, anunciada em seu título: "o que desejam os indisciplinados?".

4 Considerações Finais

As três pesquisas destacadas na seção anterior apresentam alguns paralelos interessantes, e sugerem algumas convergências a serem consideradas. Entretanto, é importante destacar que neste trabalho optamos por realizar uma leitura bastante delimitada dos dados e implicações apresentados naquelas pesquisas. Há, portanto, outras questões que poderiam ser exploradas, com base nos dados levantados naqueles estudos. Aqui optamos por explorar apenas um recorte de tais possibilidades.

Os sentidos articulados a indisciplina, pelos alunos participantes das pesquisas, parecem atribuir um papel fundamental na comunicação entre alunos e professores, particularmente em relação a inadequação de práticas e formas de relacionamento em sala de aula. Mas, o que desejam os indisciplinados? Tendo em vista esta pergunta norteadora, propomos articular uma análise ao redor de três possíveis respostas.

Uma primeira resposta a destacar, sugere que os indisciplinados desejam comunicar que os contextos onde ocorrem as indisciplinas e as próprias práticas dos professores fornecem um estatuto de legitimidade a determinadas expressões de indisciplina. Com isso, revelam aos professores uma percepção sobre a dinâmica do poder em sala de aula, e como esta pode ser transformada pelo modo como aqueles exercem suas práticas. Assim, de um modo complexo, os indisciplinados assumem um modo à deriva de estar na escola em alguma medida legitimado pelos professores.

Uma segunda resposta possível a pergunta central deste trabalho está relacionada ao que estaria sendo sinalizado, de um modo mais específico, pelas expressões de indisciplina. Neste caso, os indisciplinados desejariam sinalizar inadequações, inconsistências ou mesmo avanços necessários relacionados as práticas pedagógicas a que são sistematicamente submetidos em sala de aula. Assim, através dos seus atos de indisciplina, os alunos talvez expressem uma expectativa ou o desejo por uma educação que embora lhes seja prometida, ou devida, ainda não está visível na escola.

Mas há também uma terceira resposta a considerar. As pesquisas consideradas nos sugerem considerar o desejo dos indisciplinados de resistir a práticas de excessivo controle, de natureza autoritárias, e a uma condição de exclusão na qual se percebem capturados. Se a indisciplina é capaz de comunicar um sentimento desfavorável em relação a certas práticas pedagógicas e atitudes de distanciamento dos professores, um dos principais desejos dos indisciplinados seria experimentar outros ambientes e condições pedagógicas, onde possam

livrar-se da circularidade das condições usuais que encontram em sala de aula, que tanto resultam de indisciplina, quanto parecem conduzir a ela.

As perspectivas destacadas acima, embora representem um horizonte delimitado de análise, podem sugerir novas direções a serem exploradas. De um lado, encontramos a necessidade de maior investigação dedicada a voz dos alunos. Também seria importante repensar a questão da amostra de pesquisa.

As análises exploradas acima revelam a importância de considerar a "voz" dos alunos na compreensão da indisciplina. De fato, essa perspectiva provavelmente reserva ainda diversas respostas importantes para o campo dos estudos sobre indisciplina escolar. Neste caso, deveríamos ampliar o papel dos alunos nas pesquisas, tal como deve ser feito em sala de aula. Afinal, a presença expressiva de indisciplina nas escolas, em diversos países, parece resultar de ouvirmos pouco os alunos, há muito tempo.

Finalmente, as análises apresentadas neste texto são fundamentalmente qualitativas, baseadas em investigação exploratória centrada em pequenas amostras. Talvez a maior virtude desse tipo de investigação, justamente por ser capaz de fornecer perspectivas promissoras de análise, está em afirmar a necessidade de outras pesquisas. Seria, portanto, necessário, em investigações futuras, considerar amostras mais amplas e diversas de alunos.

REFERÊNCIAS

ESTRELA, M. T. **Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na aula**. Porto: Porto: 2002.

FRELLER, C. C. **Histórias de indisciplina escolar e a atuação do psicólogo**. 2000. 253 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, USP, São Paulo, 2000.

FRELLER, C. C. **Histórias de indisciplina escolar: o trabalho de um psicólogo numa perspectiva Winnicottiana**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

FURLAN, A. Introduction to the open file. **Prospects**, Brussels, v. XXVIII, n. 4, December 1998. (Open File: The Control of Discipline in the Schools).

GARCIA, J. A construção social da indisciplina na escola. In: SEMINÁRIO DE INDISCIPLINA NA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA, 1, 2005. Curitiba. **Anais...** Curitiba: UTP, 2005. p. 87-93.

GOLBA, M. A. M. **A indisciplina escolar na perspectiva de alunos**. 2008. 104 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdades de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2008.

GORDON, D. Rising to the discipline challenge. **Harvard Education Letter**, Cambridge, v. 15. n. 15, September 1999.

OECD. **Teaching and Learning International Survey**: first results from TALIS. Paris: OECD, 2009.

PRAIRAT, E. **Questions de discipline à l'école**. Ramonville Saint-Agne: Érès, 2004.

SILVA, M. P.; NEVES, I. P. O que leva os alunos a serem (in)disciplinados? Uma análise sociológica centrada em contextos diferenciados de intecção pedagógica. **Revista de Educação**, Lisboa, v. XII, n. 2, p. 37-57, 2004.